

Miguel Esteves Cardoso e Maria João Pinheiro

Como é Linda a Puta da Vida marca o regresso de MEC aos livros, agora na Porto Editora, que lhe vai reeditar toda a obra. A colectânea de crónicas arranca com o tema que ele prefere: a mulher. Texto: Dulce Garcia Fotos: Augusto Brázio

“Sem ela aqui, a minha vida seria horrível”

O amor é f... Isso já ele sabia em 1994, quando lançou um livro com o mesmo nome. Antes tinha-se doutorado em Filosofia Política, na Universidade de Manchester, no Reino Unido. E fundado um jornal dos diabos, *O Independente*. E criado uma revista, a mítica *Kapa*. E inventado um estilo jornalístico. E lançado uma editora de discos independente, a Fundação Atlântica. E criado uma marca: MEC, o tipo do lacinho que dispara para todo o lado.

Miguel Esteves Cardoso, 57 anos, o mais pop dos pensadores/escritores/cronistas portugueses dos últimos 30 anos, trocava isso tudo pelo amor da Maria João, 43 anos. A mulher que o educou, como ele mesmo diz.

Estão juntos desde 1999. Somados, correram perigo de vida quatro vezes. A última, há um ano, quando foi diagnosticado a

Maria João Pinheiro cancro no cérebro. Nessa altura, ele escreveu algumas das crónicas do livro que acaba de lançar: *Como é Linda a Puta da Vida*.

Como é que o Miguel e a Maria João se conhecem?

MEC – Eu via-a na televisão [onde a então terapeuta da fala apresentava a metereologia]. Quando nos encontramos, pela primeira vez, apaixonei-me. Foi amor à primeira vista.

MJ – Conhecemo-nos em 1996, mas só em 1999 é que nos juntámos.

MEC – Ela foi-me visitar no dia 30 de Dezembro de 1999 e eu disse-lhe que não marcasse nada porque, no dia seguinte, queria levá-la comigo para Estremoz.

Estavam com medo que o mundo acabasse na mudança do milénio?

MJ – Assim já podia acabar.

MEC – Estávamos profundamente apaixo-

nados, mas eu achava que ela não gostava de mim... Dormia sempre em casa dos pais, nunca passou uma noite comigo. Eu adorava-a, mas tinha medo.

De a confrontar?

MJ – Não, porque eu fugia.

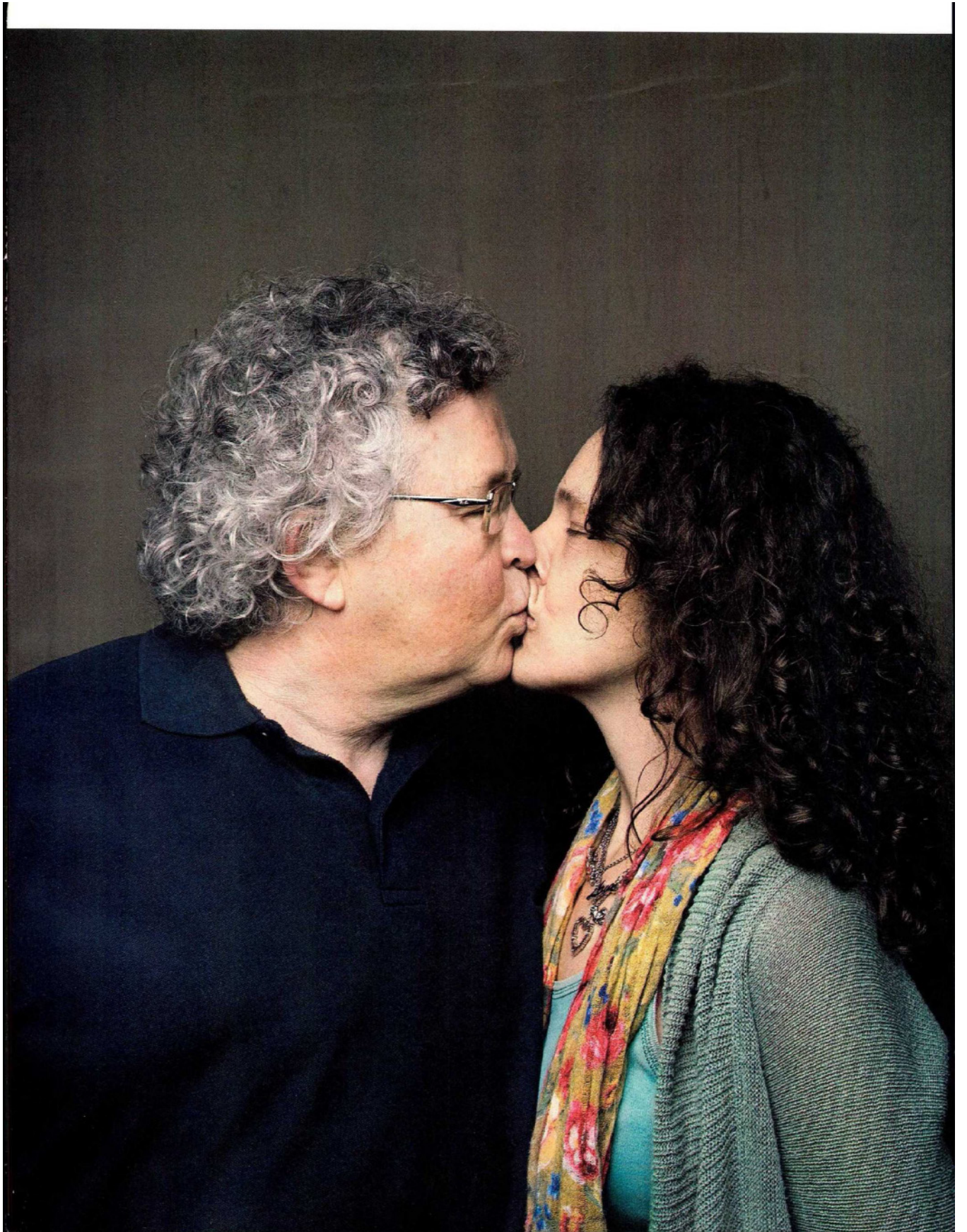
MEC – O amor muda a vida. Uma pessoa passa a ter um trabalho a sério, uma ocupação, já não é dela própria. Entrega-se e passa a ser totalmente dependente.

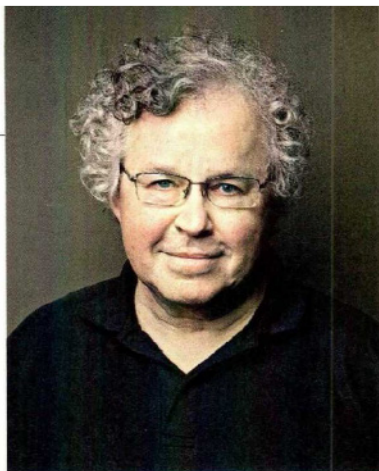
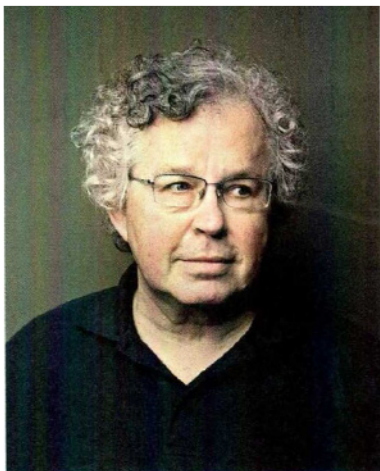
Essa dependência não é melhor do que a solidão?

MEC – É boa, mas se há uma separação é um horror. Ou, se ela quiser magoar-me – e muitas vezes quer –, vai logo directa ao ponto. Ainda ontem.

MJ – Oh, não é verdade [fazendo-lhe uma festa no rosto].

MEC – É verdade sim. E eu também, se quiser magoá-la, magoo-a. O amor não é um mar de rosas. Mas, felizmente, estas coisas só acontecem excepcionalmente.





► **Como é que foi a abordagem do MEC à Maria João?**

MJ – Escreveu-me uma carta. Linda. Convidava-me para fazer peças de teatro radiofónicas do [Samuel] Beckett.

MEC – Estava tão aflito. A primeira pergunta que lhe fiz foi: “De que tipo de música gostas?” Ela olhou para mim com um ar de: “Isso é o melhor que consegues, depois de tanto tempo?” Que desgraça! [risos]

Tinham amigos em comum?

MEC – Não. Foi um amor feito só por nós.

Conheceram-se em 1996, mas só assumiram o que sentiam em 1999. Viram-se com que frequência, nesses três anos?

MEC – Pouca. Falávamos muito ao telefone; eram despesas de telefone horribéis.

MJ – Ele tinha medo que eu fosse prática. Um dia comprou um carro e disse-me: “Vou-te buscar para casarmos.” E eu respondi: “Vou estar não sei onde.” E ele zangou-se e não me falou durante um ano!

MEC – Eu pensava que ela era uma mulher prática e fria.

MJ – Fui prática porque lhe disse onde estava!

MEC – Tinha a cabeça cheia de estupidezes. Achava que ao telefone só se podia falar de amor. O meu medo do quotidiano fazia-me criar estas regras absurdas. Pensava que isso matava o amor – e não mata. Não sabia nada sobre o amor. Ela educou-me.

Foi fácil?

MEC – Não. Quando já estávamos a viver juntos, às vezes eu aproximava-me e ela assustava-se e gritava...

MJ – Porque não estava habituada a que alguém aparecesse sem fazer barulho. Ele anda descalço pela casa [risos].

MEC – Eu ficava tão triste. Pensava: “Ainda não me conheces?”

MJ – Ficava zangado, passava semanas sem me falar. E eu chorava.

MEC – Eu também.

MJ – Ficávamos os dois a chorar, era horrível. **Se calhar tinham medo um do outro. Era uma coisa desconhecida, ninguém sabia bem que terre-**

“ **Quando a Maria João se mudou para a minha**

casa apareceu com uma mala pequena, de fecho-éclair. Hoje ocupa quatro divisões só com roupa e sapatos

no estava a pisar.

MEC – Eu estava completamente apaixonado mas não sabia se ela estava. Nunca tinha vivido com ninguém e ela também não. Saí de casa cedo, vivi sozinho em Inglaterra muitos anos, só com os livros. Ganham-se hábitos... Mas a Maria João fez tudo pelos dois. Quando se mudou para minha casa, apareceu com uma mala pequena, de fecho-éclair.

MJ – Sou esperta, engano muito [risos]. Traço mais coisas hoje do que naquele dia.

MEC – Perguntei-lhe se não precisava de espaço no armário. E ela: “Não, isto fica bem aqui no meu saquinho.” Hoje ocupa quatro divisões só com roupa e sapatos.

De quem foi a ideia do casamento?

MEC – Sempre quis casar com ela. Voltámos do fim do ano e nunca mais nos separámos.

MJ – Ainda dormi uma vez em casa dos meus pais, mas falámos a noite inteira ao telefone.

Os seus pais sabiam da existência do Miguel?

MJ – Sabiam. E sabiam que eu o adorava.

E aprovavam?

MEC – Não, reprovavam.

MJ – Oh, não reprovavam nada.

MEC – Uma das coisas que me convenceram foi que o pai dela, que era uma pessoa muito verdadeira, me disse: “Embora eu não aprove, ela gosta muito de si.”

Quando é que foi a casa da Maria João?

MJ – Quando me foi buscar para irmos para Estremoz.

MEC – Cheguei lá e o pai dela perguntou: “O que quer tomar?” E eu muito atrapalhado: “Não sei, um *whisky*.”

MJ – Eram 10h da manhã!

MEC – Começou a correr tudo mal. Não aparecia a chave do bar, depois apareceu e não era aquela. Eu só queria morrer. E ela pensava que eu não sabia guiar.

MJ – Sim, eu pensava que aquela seria a minha última viagem. Até deixei um cheque em branco para levantarem o dinheiro que eu lá tinha. Lá está a parte prática [gargalhadas].

Estava nervosa quando conheceu as filhas do Miguel?

MJ – Não.

MEC – Correu muito bem, elas não tiveram ciúmes, foram impecáveis.

Pensaram em ter filhos dos dois?

MEC – De início, sim. Não fizemos nada para evitar, mas a certa altura percebemos que estávamos demasiado apaixonados para cuidar de uma terceira pessoa.

MJ – Talvez não tivéssemos disponibilidade para ser bons pais.

MEC – As crianças são umas vampiras. A minha mãe sempre me disse: “*Whatever you do, don't have any children. They kill the romance* [Faças o que fizeres, não tenhas filhos. Eles matam o romance].”

Em que é que a Maria João domou o Miguel?

MEC – Ela treinou-me muito bem. Mas eu sou bonzinho, isso ajuda.

MJ – É a pessoa mais boazinha que conheço. **Era muito vadio, ou os excessos que cometia eram mais em casa?**

MEC – Eram a trabalhar. Também saía à noite, mas depois do trabalho. Tinha uma matilha, íamos juntos para todo o lado. Ela também saía. Às vezes encontrava-a e ficava todo contente.

MJ – Às vezes saía. Mas depois ficava vacinada por uns tempos. O Miguel viu-me duas vezes, numa delas deu-me um beijinho.

► **Onde é que se encontravam?**

MJ e MEC – No Plateau [risos].

E quando foram viver juntos, saíam em matilha?

MEC – Não. Sempre tivemos consciência do pouco tempo que tínhamos para estar juntos. O cancro realçou isso ainda mais.

Passaram por momentos complicados; estiveram ambos em risco de vida. Qual dos dois se manteve mais calmo?

MEC – Eu sou mais calmo. A Maria João fica histérica.

MJ – Fico horrível, fora de mim. Estive a perdê-lo por duas vezes.

MEC – Gostei tanto de ver que estavas preocupada. É muito bom perceber que se é amado. É muito doce. Apetece continuar a viver.

Ralhava com ele para parar de beber?

MJ – Não tive de ralhar. Se ele não o fizesse logo, morria. E também deixou de fumar.

MEC – É um mito pensar que deixar de beber custa imenso. Fumar é que custa. Deixar de beber é fácil. Porque uma pessoa percebe o mal que faz ao fígado. O fígado é um susto muito grande porque se deixa de ter vontade de comer.

MJ – Depois, quando foi operado à anca, apanhou aquela infecção.

MEC – Foi uma coisa assassina; temi pela vida.

E a Maria João sempre ao seu lado...

MEC – Sempre. Estar num hospital é horrível. Para além de que é muito estranho passar uma noite sem a Maria João. Quando estive internado no Hospital de Santa Maria, só dormia quando ela chegava.

MJ – Adormecíamos os dois de mão dada [sorriso].

Miguel, nessa altura, teve consciência de que estava a pagar uma factura? De que ninguém aguenta tantos excessos?

MEC – Era um excesso terrível... Acordava de manhã e começava logo a beber – todo o dia, todos os dias, sem excepção. Nunca ficava bêbedo, mas as quantidades de álcool que ingeria eram gigantescas.

A Maria João não lhe dizia nada?

MJ – Achava que se lhe dissesse alguma coisa ele fugia outra vez durante não sei quantos anos e nunca mais me falava. Tínhamos esse passado.

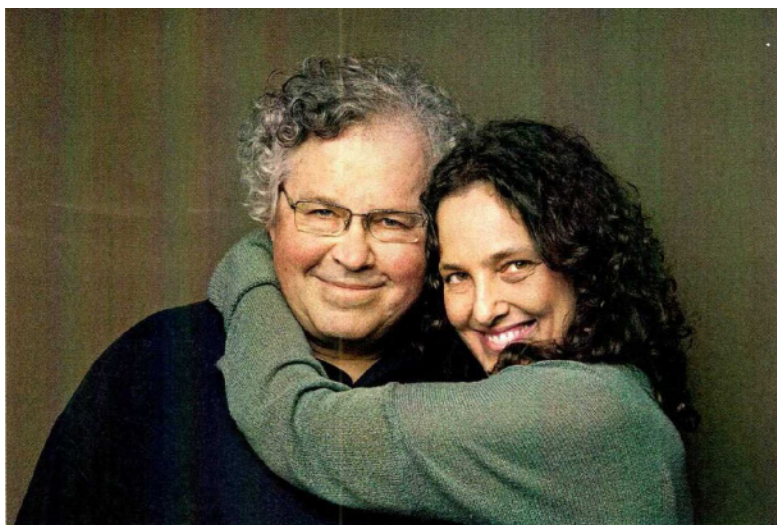
Quando a Maria João soube que estava doente, o Miguel estava ao seu lado?

MJ – Não, eu estava sozinha. Abri uma carta e li. A seguir, telefonei-lhe.

Como é que ele reagiu?

MJ – Ele é aquela pessoa que está sempre lá.

MEC – Isso foi mais quando o pai dela morreu, um ano antes. Consegui fazer com que



“É muito estranho passar uma noite sem a Maria

João. Quando estive internado no Hospital de Santa Maria, só dormia quando ela chegava

se sentisse acompanhada. A companhia existe mesmo. E assim dói menos um bocadinho. Ajuda-nos no sofrimento. Tal como o Acrescento [Acrescento de Milagre, movimento criado no Facebook para apoiar Maria João e Miguel, quando ela foi operada ao cérebro, no ano passado] ajudou imenso. As pessoas pensam que o Facebook é uma treta mas não é. Aquilo foi feito por gente que tirou um bocadinho de tempo da sua vida para escrever. Pessoas que não nos conhecem nem querem nada em troca. Descubri coisas incríveis. Por exemplo: os doentes oncológicos têm um grande ânimo.

Como assim?

MEC – O susto da morte sacode-os, põe-nos bem-dispostos, nem parecem portugueses. São pessoas em situações muito más que conseguem manter-se animadas, contar histórias. Têm pena dos outros, como se elas próprias não estivessem doentes.

Quando se percebe que se pode morrer amanhã, consegue-se suspender o medo e aproveitar a vida ou todo o tempo é consumido pelo pânico?

MJ – A maior parte do tempo é medo. Quando descobri que tinha um cancro na cabeça, no dia 24 de Abril de 2012, pensei: “Provavelmente vou morrer. Ou então não sei o que vou ser.” É uma sensação muito estranha, entrar para uma sala de operações e

pensar: “Se calhar quando sair daqui não vou ser eu.”

MEC – Tirarem uma parte do cérebro é *scary*! Eu tinha medo que ela deixasse de gostar de mim. O cérebro é onde está tudo! Mas fizeram a coisa tão bem feita que ficou tudo na mesma.

Imagino que a descoberta da metástase na cabeça tenha sido um duplo horror, depois do cancro na mama.

MEC – Foi muito pior. Aquilo estava no cérebro. Estatisticamente, ela quase não tinha hipóteses de sobreviver.

MJ – E mesmo sobrevivendo poderia ficar tudo estragado.

Quanto tempo passou entre a descoberta e a operação?

MJ – Uma semana. Comecei logo a tomar cortisona porque tinha um edema gigante. Tudo o que ficasse lesado não tinha recuperação.

MEC – Teria morrido se não fosse logo ao médico.

O que é que a levou a ir ao médico?

MJ – Comecei a fazer coisas estranhas. Bati com o carro uma data de vezes numa semana. E um dia estava a fazer um relatório e a minha letra começou a ficar muito má. Pensei: “Isto não sou eu.” Achei que me tinha dado um AVC porque tinha este braço [o esquerdo] apanhado. Ainda tenho. Por vezes estou a segurar coisas debaixo do braço e quando me esqueço deixo-as cair sem dar conta.

Como foram os dias até à operação?

MJ – Tentámos aproveitar o tempo que podíamos juntos, mas nunca deixámos de pensar que podia ser o fim.

MEC – Estávamos profundamente deprimidos. Li todos os livros médicos que existem e eles diziam que havia uma hipótese em 100 de ela se salvar. Quando o cancro está no cérebro, quer dizer que já se espalhou por todo o corpo.

► **Onde escrevia as crónicas do Público quando a Maria João estava internada?**

MEC – Quando estive no Santa Maria, fiquei na casa que uma amiga dela me emprestou, em frente ao hospital – era lá que escrevia.

Escrever sobre a sua mulher fazia com que se sentisse mais perto dela?

MEC – Não... Eu estava a tentar manipular qualquer fractura cósmica que houvesse. Escrevia para ela ler, mas também podia ser que os cirurgiões se comessem e assim a tratassem melhor, ou que alguma enfermeira lesse e pensasse: “Coitadinha.” Era a aflição. Há muita gente aflita, sem poder fazer nada. Eu ainda tinha a sorte de escrever.

A Maria João lia essas crónicas?

MJ – Lia. E chorava imenso.

MEC – Eu levava-lhe o jornal de manhã.

Era abordado pelas pessoas, na rua?

MEC – Não. Escreviam-nos, mas eram muito respeitadoras do que se estava a passar. Não houve uma só que tivesse uma observação incómoda ou manifestasse alguma curiosidade mórbida. Eu andava ali por Santa Maria, o dia inteiro, e nunca ninguém me incomodou.

Passava lá o dia?

MEC – Passava... Não devia estar lá de manhã mas estava.

MJ – E no dia da operação apareceu-me no IPO com o pequeno-almoço. Não podia, mas como era um caso muito grave...

MEC – As pessoas ali são muito tolerantes. Sabem exactamente como tratar os doentes e quem está com eles. Dão-nos tanto amparo. Como é que eles tiram tempo do seu trabalho para consolar os outros? É um trabalho maravilhoso o que eles fazem. A generosidade, a disponibilidade com que passam dias inteiros ali, quando podiam estar em clínicas privadas a ganhar fortunas. Devem ter a vida toda estragada; ser mal pagos. Aquilo é uma missão.

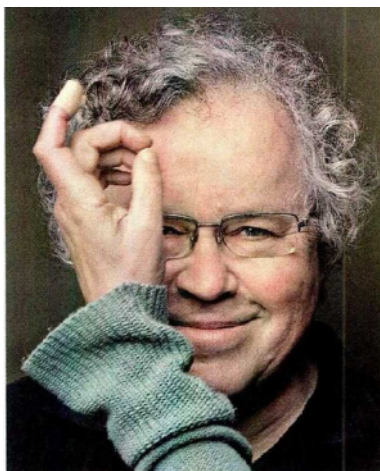
Passou um ano desde que foi operada. Que fase é esta que estão a viver agora?

MEC – No dia 24 de Abril faz um ano que ela descobriu a metástase. Todas as nossas Primaveras e Verões têm sido duros. Estávamos a ver se finalmente tínhamos uma Primavera e um Verão tranquilos.

MJ – Desde 2009 que não temos. Primeiro foi o cancro da mama, depois a quimioterapia, a operação, a radioterapia. Entretanto, tive uma pneumonia muito má, fiquei mais um mês internada.

Ainda se lembra do dia em que voltou a casa, na Primavera passada?

MJ – Foi um alívio tão grande. Não há nada



“**Temos opiniões conjuntas! Perguntamos: “O que é que achamos deste filme?” Pode ser uma coisa de casal irritante para quem está de fora**

melhor do que chegar a casa.

MEC – Quando se sai de carro do hospital e se vê o azul do céu... os dois juntos a caminho de casa já é tão bom. Tudo parece mágico: uma árvore, uma folha que mexe.

Estão casados há 13 anos e passam os dias juntos. Pode-se dizer que estão mais apaixonados do que nunca?

MEC – Acho que ou se ama ou não se ama. Não há mais apaixonados do que nunca. A mim, basta-me tê-la aqui para ficar contente. Estou numa posição de gratidão porque sei que, se ela não tivesse ido ao médico naquele dia, não a tinha agora aqui e a minha vida seria horrível.

Depois da operação, muita coisa aconteceu. Perdeu peso, caiu-lhe o cabelo. Como é olhar para o espelho nessas alturas?

MJ – Uma pessoa sente-se mesmo uma merda. Mas ele não me deixava, animava-me.

MEC – Ela ficou na mesma. Acho que ainda está mais bonita. E tem uma reacção maravilhosa: chora muito no momento em que se confronta com o problema – muito mesmo, até faz impressão –, mas depois começa a trabalhar, vai arranjar as perucas.

MJ – Não chorei quando soube. Chorei mais tarde. Lembro-me de pensar: “O que é que me aconteceu? O que foi isto?”

MEC – ...E o que é que querem tirar-me mais?! Tiram o útero, cai o cabelo... Tudo o que é feminino.

MJ – Escrevi sobre isso. É a mama, o útero, o cabelo. Fiquei com ovários, mas ainda tenho de levar uma injeção de três em três meses para não produzirem estrogénio – o meu cancro come estrogénio. Cada vez que levo aquela injeção, sinto que envelheço 10 anos.

Volta-se outra pessoa desse calvário?

MEC – Não, a alma dela é a mesma. Nenhuma doença pode afectar a alma dela.

Existe alguma coisa nesse processo – por menor que seja – que permita aprender, ser melhor, para que tudo não seja completamente gratuito?

MJ – Não era preciso viver coisas tão dramáticas para aprender. A vida vai-nos ensinando.

MEC – É como aquela história da batalha: “Tens de lutar e tal.” Não se pode lutar, quem luta são os médicos. O que acontece é que, depois de passar, a pessoa volta à normalidade com uma sensação de gratidão e de sorte. E isso é tão bom.

MJ – Mas há momentos em que nos esquecemos. De repente caímos em nós: “Até já estou a ser respondona e não devia.” Quando isso acontece é porque já estamos a viver outra vez [risos].

Ao fim destes 13 anos, o que é que cada um reconhece seu no outro?

MJ – Se calhar é melhor fazer a pergunta ao contrário: “Em que é que não nos influenciámos?”

MEC – Por exemplo, temos opiniões conjuntas! Perguntamos: “O que é que nós achamos deste filme?” Pode ser uma coisa de casal irritante para quem está de fora. Se não gostamos do mesmo filme ficamos zangados... mas é raro acontecer.

Quer dizer que além de gostarem muito um do outro têm muito em comum.

MEC – Esse é o segredo número um.

E o que é que ainda os faz guerrear? Li numa crónica que a cozinha é o vosso campo de batalha.

MEC – É onde ela revela o lado autoritário. Aquilo parece um ringue.

MJ – É mau, é; é o sítio da pancadaria.

Ainda amam? E quem é que amua mais?

MEC – [silêncio] Eu acho que é ela...

MJ – ... [gargalhada]

MEC – Mas é muito triste. O que eu chorei ainda ontem. As pessoas não percebem, mas parece que o mundo vai acabar.

Se calhar é o preço do amor.

MEC – É isso, é terrível.

Mas nesta altura do campeonato já sabem que é passageiro.

MEC – Não...

MJ – Sabes, sabes [risos].

MEC – Hoje sei; ontem não sabia. ■